## MEDIDAS DE SEGURANÇA SANITÁRIAS

Caros espectadores, devido às medidas de segurança sanitárias, o acesso a todas as salas do Festival far-se-á mediante o cumprimento das seguintes regras, para cujo cumprimento apelamos.

1. Nos espaços com área de acolhimento reduzida, a entrada só poderá fazer-se na altura de abertura das portas das salas. Deverão pois esperar no exterior a abertura de portas.
2. Nos restantes espaços, e de forma a não ultrapassar a lotação permitida no bar ou no *foyer*, apelamos a que a permanência se limite ao estritamente necessário.
3. Agradecemos que sejam seguidas as normas de circulação sinalizadas, ou as que poderão ser indicadas pelos colaboradores que atendem ao bom funcionamento das salas.
4. Apelamos para que seja mantida a distância de segurança entre pessoas, e que todos desinfectem as mãos à entrada, e sempre que tal se justifique.
5. Deve ser respeitada a separação de cadeiras existente nas plateias.
6. O uso de máscara é obrigatório durante a permanência em espaços interiores.
7. A saída das salas deverá começar pela fila mais próxima da porta de saída.

O Festival garante a higienização de todos os espaços segundo as regras estabelecidas.

**CÓDIGO QR DO PROGRAMA DO FESTIVAL DE ALMADA**

# 38.º FESTIVAL de almada

Organização
**Câmara Municipal de Almada**
**Companhia de Teatro de Almada**

**02–25 de Julho de 2021**

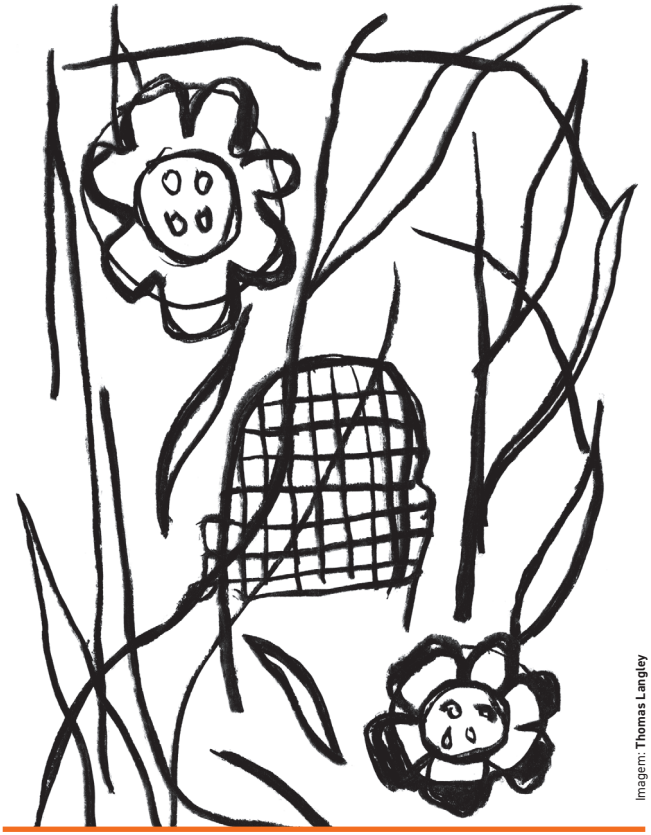

Imagem: **Thomas Langley**

**Latoaria/Candonga Associação Cultural**
(Lisboa)

# Corpo suspenso

De **Rita Neves**

**Incrível Almadense** (Almada)
Salão de Festas

Sex. **9** e Seg. **12** de Julho às **20h30**
Sáb. **10** e Dom. **11** às **15h** e às **20h30**

Duração: 80 min. • Classificação etária: M/16

**FICHA ARTÍSTICA E TÉCNICA**

Conceito e direcção **Rita Neves**

Criação, texto e interpretação **Patrícia Couveiro • Rita Neves**

Desenho de luz e sonoplastia **Gonçalo Alegria**

Fotografia e vídeo **Mafalda Mendes**

Apoio à dramaturgia e registo audiovisual **Rui Pires**

Aconselhamento artístico **Vânia Rodrigues**

Apoio ao movimento **Sofia Neuparth**

Concepção plástica do espectáculo e apoio aos ensaios **Tiago Vieira**

Apoio aos figurinos **Luís Godinho**

Fotografia de cena **Alípio Padilha**

Comunicação **Álvaro Machado**

Produção **Rita Neves • Xana Lagusi • Rui Pires**

Apoios **Fundação Calouste Gulbenkian, Fundação GDA e República Portuguesa – Cultura/Direcção Geral das Artes**

Agradecimentos **Carlos Baeta Neves (Pai) e à nossa família. Andreia Claudino, André Neuparth, Arquivo RTP, Bonga, Bruno Santos, Câmara Municipal de Aljustrel/Marco Custódio, Carlota Lagido, Carolina Lobato, Cem, Cláudia Regina, Clara Pinto Caldeira, Eduardo Dias, Gabriel Esteves, João Chicó, Jardim Botânico de Lisboa/César Augusto Garcia, Kilig, Latoaria, Leonor Martins, Maria João Brilhante, Maria Lalande, Margarida Bento, Miguel Raposo, Monomito Argumentistas, Pedro Antunes, Patrícia Costa, Paula Caspão, Pólo das Gaivotas, Ricardo Moreira, Tânia Guerreiro, Teresa Machado, Vera San Payo de Lemos, Vítor Silva.
A todos os que fazem parte deste meu corpo arquivo.**

# Que direito tem o meu corpo de avançar para lugares silenciados?

*Corpo Suspenso* devolve-nos essa voz, na figura de uma filha à procura. Num tempo em que finalmente se começa a falar de um conflito de 13 anos (o maior travado por Portugal no século XX) que atravessou transversalmente toda a sociedade portuguesa, esta peça lembra-nos, sem equívoco, que a guerra colonial não aconteceu apenas a quem a travou, mas a todas as pessoas que os rodeavam ou vieram a rodear, de que os filhos são, sem dúvida, os grandes visados. A guerra é pois uma memória transgeracional, ou uma pós-memória, como lhe chama Marianne Hirsch, um acontecimento de tal forma marcante que afecta as gerações futuras, a braços com a compreensão de um passado que é nacional e também pessoal.

Esse passado tem sido discutido em grande parte numa lógica de trincheira, que injustamente debate a parte pelo todo, o ideológico pelo circunstancial, o pessoal pelo colectivo, o individual pelo político, numa confusão inflamada que não traz benefícios à difícil empreitada de lidar com o passado colonial. Também, e sobretudo por isso, *Corpo Suspenso* é elegante e refrescante, não permitindo ao espectador moralismos fáceis, ou leituras a preto e branco. Focada naturalmente na figura do combatente, a partir de um pai, mas também de outras fontes, a peça lembra-nos da propaganda, da ignorância, da aflição, da alienação. E da obrigatoriedade,"quem é que queria estar ali, na guerra?". Mas também nos lembra da violência: a que se era sujeito, que praticava, a que se assistia. "O meu capitão queria dar cabo daquilo tudo, queria dizimar aquilo tudo, uma aldeia inteira." Aquela que ficou inscrita num corpo-arquivo, perdido numa temporalidade não linear: o tempo dos pesadelos, o tempo do gesto reflexo de se atirar para o chão ao menor som, o tempo de ter filhos, o tempo de guardar cinzas de cigarros, o tempo de não cuidar de si. Metáfora máxima do tempo que não se ordena, as fotografias, inorganizáveis, guiam as perguntas de uma filha perplexa e hesitante: "Que direito tem o meu corpo de avançar para lugares silenciados?"

"Os corpos expatriados. Os corpos dominados. Os corpos expropriados. Foi-lhes negada a propriedade dos seus corpos." A violência da guerra, da colonialidade, de um regime autocrático é posta a nu em *Corpo Suspenso*. Portugal foi uma ditadura colonial. Os filhos da democracia também foram à guerra. A guerra é, continua a ser, uma suspensão. | **Clara Pinto Caldeira**